



ESTIMOS

Wencesláu de Queiroz

Rezas do Diabo

(LIVRO posthumO)



livraria

o
salí

loja 3
rua barão de itapetininga,88
fone 32.7434 SÃO PAULO

Rezas do Diabo



Wencesláu de Queiroz
(1863-1921)

Wencesláu de Queiroz

Rezas do Diabo

1939

Empreza Graphica da «Revista dos Tribunaes»
Rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo

PREFACIO

Hagop Touriane escreveu e Wencesláu de Queiroz traduziu, sob o titulo "A verdadeira morte":

*Quando minha alma convolar para essa
Região da morte que ninguém deslinda,
E gelada pender minha cabeça,
Notae-o bem! — estarei vivo ainda...*

*Quando, por entre o incenso, sobre a eça,
Tiver dos padres a oração infinda
Para que em paz eu adormeça,
Notae-o bem! — estarei vivo ainda...*

*Mas quando não houver nem mais um traço
Do meu leito final no chão escasso
Do Campo Santo; ah! quando o mundo absorto*

*Desta existencia na fugaz passagem,
Esquecer para sempre a minha imagem,
Sabei-o! — só então estarei morto...*

Wencesláu de Queiroz não está morto. Está vivo ainda, na saudade, no amor, na admiração filial, que colligiu as "Rezas do Diabo" e as publicou em volume. Está vivo nos seus versos, que lhe prolongarão a memoria pelos tempos afóra. Não esquecemos a sua imagem, nós os que viemos vinte ou trinta annos depois

delle, nós os que o temos presente na sua obra de poeta como deveríamos tel-o na sua obra de critico literario e musical, de jornalista, do operario das letras que por mais de quarenta annos manteve o fogo sagrado numa época em que raras e heroicas eram as vestaes.

“Rezas do Diabo” apparece fóra do seu tempo. Esvahiram-se as influencias baudelairianas, extinguiu-se o culto satanista, passou a nevrose ou tomou novas fórmas, num mundo em que as dores não são mais doencas, são revoltas. O éco que estes poemas tiveram nas paginas ephemerias dos jornaes e das revistas, não repercutirá hoje ao redor do livro.

Mas Wencesláu de Queiroz, que estreou aos 18 annos com uma pequena collectanea de versos, “Goivos”, e firmou reputação, sete annos depois, com seus “Versos”, ha de ser julgado na distancia em que se situou, através da sua producção da maturidade, que são estas “Rezas do Diabo”. Pena é que se conserve ainda inédito outro livro, “Cantilenas”, que nos permittiria acompanhar passo a passo a evolução do seu lyrismo para as amarguras e os desesperos do derradeiro periodo.

Os poetas, de nervos vibrateis e de sensibilidade aguda, soffrem mais do que o commum dos mortaes as angustias ambientes da humanidade. Feridos pelos homens, esmagados pelo destino, não podendo vencer as contingencias inherentes aos terricolas, voltam-se para o

passado, que os inspira; constróem futuros, em que o homem não é mais o lobo, é o irmão do homem; ou refugiam-se no sonho, no mundo creado pela imaginação, a que pedem felicidade e de que manam torturas. Hoje, um derivativo é a questão social; em certa data, sacrificados na terra, descrentes do céo, voltaram-se, numa attitude que era escarneo intencional e snobismo inconsciente, para Satan.

Wencesláu de Queiroz leu Baudelaire, os que o precederam, os que o acompanharam, e impregnou-se das suas idéas e dos seus processos, por motivos concorrentes. Antes de tudo, uma relativa afinidade espiritual, que já se sentia nos seus primeiros accordes. Depois, o poder da imitação, que faz as modas e as escolas. Por fim, decisivamente, duros golpes successivos, na perda dos filhos, que o rebellou contra o Deus que lhe tirava, um a um, inexoravel, os mais fortes e mais quentes affectos.

Sem as repetidas catastrophes, que lhe ennegreceram o coração e lhe intoxicaram a alma, este devoto de Satan, que atemorizava a gente piedosa e christã do S. Paulo dos começos do seculo, teria rematado sua carreira com preocupações philosophicas, que eram da essencia do seu ser, mas á luz do lyrismo, que repontava nos seus primeiros versos e se desatou ainda em flores nas "Cantilenas". A postura rebelde, de incréo e blasphemo, não

era senão uma reacção do sentimentalista que não soube ter a resignação de Job ante as desgraças com que o céu o experimentou. Não era por dureza de coração e veneno de alma, era exactamente porque tinha a alma affectiva e o coração sensível que Wencesláu de Queiroz se insurgia contra as dores que amargavam o seu amor de pae.

Nas suas tres phases, Wencesláu de Queiroz teve posturas differentes perante a vida, mas foi invariavelmente artista. Seus versos têm sempre a ourivesaria empregada pelos parnasianos, cujo maior merito, quanto á technica do verso, foi a imposição da fórma cuidada mesmo aos que não se submeteram á escola. Expliquemos ainda o rythmo, a melodia, a suavidade dos versos pelo culto do som de quem foi poeta e foi tambem musico.

Wencesláu de Queiroz não está todo nos seus livros de versos. Nem mesmo se dirá que ahi se acha a sua porção maior. Porque longa e intensa foi a sua actividade na critica literaria, na critica theatral e na critica musical. E não só: jornalista profissional, tem uma extensa folha de serviços á imprensa, onde debateu os problemas do dia, escrevendo editoriaes, travando polemicas, com uma fecundidade que encheu largo periodo do nosso jornalismo,

Como critico era rigoroso; como polemista, bravo. Mas sabia ter generosidades com os novos e cavalheirismo com os adversarios. Á distancia, apparece-nos como um lutador estrenuo, que se bateu pela verdade, pela justiça e pela belleza.

A geração de hoje, vivendo uma época de vibrações jornalisticas, de effervescencias literarias, na florada do pensamento e da arte que illumina e perfuma S. Paulo, não póde ter idéa do que era o valor, a coragem, o estoicismo dos poucos bravos que sustentavam a trincheira das letras ha trinta ou quarenta annos atraz. Pequenos mesmo os nossos grandes jornaes. Editor nenhum, salvo os do Rio de Janeiro e Lisbôa, que editavam os consagrados. Publico escasso e indifferente nas suas massas. Havia só a Escola Normal, só o Gymnasio do Estado, só a Faculdade de Direito. Para fundar a Academia Paulista de Letras, recorria-se aos politicos mais cultos, aos medicos mais illustres, aos advogados mais celebres, para que com a sua intelligencia e cultura viessem completar os quarenta necessarios.

A esse tempo, que é recente e tão distante já está, Wencesláu de Queiroz occupava sempre um posto da primeira linha. Nos jornaes e revistas, com folhetos e livros, foi um combatente obstinado e valente, que manteve de pé a bandeira quando outros desertavam o campo de

batalha ou se conservavam á sua margem, de armas ensarilhadas. Não teve desfallecimentos nem treguas. Não recuou nem descansou. Era sózinho um exercito, a pipocar metralhadoras, a tonitroar canhões, a sobrevoar em reconhecimento e em combate, com as esquadrilhas da sua curiosidade, dos seus sonhos, das suas coleras.

S. Paulo deve-lhe esse irresgatavel serviço. Se da sua historia literaria se supprimisse a obra de Wencesláu de Queiroz, abrir-se-iam vastos enormes, crear-se-iam desertos, formar-se-iam solidões, zonas de silencio onde está o poeta das "Rezas do Diabo" a cantar e tambem a combater dia após dia, mez após mez, anno após anno, operoso e infatigavel, intransigente e apaixonado, valente e bellicoso. E o bardo e lidador enche o seu tempo com a musica dos seus versos, com a trepidação da sua critica, com o ruido das suas polemicas, na missão que se impoz e cumpriu, mantendo accesa a chamma votiva do culto ás letras e ás artes, nesta nossa Piratininga então muito mais commercial e cafeeira do que literaria e artistica.

São Paulo, novembro, 1938.

RUBENS DO AMARAL

MAGIAS NEGRAS

ARTE MALDITA

Arte maldita! Circe feiticeira!
Bebi tambem teu philtro de estramonio
Para sonhar a minha vida inteira
No meio deste humano pandemonio;

Para não vêr, numa feliz cegueira,
Da Realidade o negro horror gorgonio,
Fugindo assim á multidão rasteira
Sobre as azas rebeldes do demonio...

Interpretando os symbolos eternos
Da Natureza, encantos e pavores,
Goso de quem percorre céos e infernos...

E vou crystallizando no meu verso
— No meu verso onde estalam tantas dôres, —
O sonho astral do coração perverso.

NOSTALGIA DO CÉO

Eil-o que sonha, triste e só... Que estranho augurio
A alma te agita, Archanjo Negro? Que magia,
Que sortilegio, á dura abobada sombria,
No Orco, te prende o chammejante olhar sulphureo?

Que encantamento kabbalístico assedia
Tua cabeça? Em que palacio, em que tugurio,
A' evocação de Grande Mago, no perjurio
Presa ficou tua infernal figura esguia?

Nada de mais... Lembra Satan a immensa Quéda
No boqueirão da Eterna Sombra que lhe véda,
Eternamente, eternamente, vêr os céos...

Punge-o a saudade, a nostalgia, a funda magoa
De estar (Satan já tem os olhos rasos d'agua!)
Longe da Luz, longe do Azul, longe de Deus!

PHILOSOPHIA DA BLASPHEMIA

A Leopoldo de Freitas.

I

E o Homem vae no turbilhão da vida
Levado como um granulo de areia,
Sem saber o Destino que o norteia,
Como a taboa de um naufrago perdida...

Em cima: o Céu de arcanos se rodeia
Sob uma téla azul sempre extendida...
Em baixo: o Mundo — arena revolvida —
Em que a lucta dos Odios se incendeia...

Que muito é, pois, que elle fraqueje um dia,
Prosternando-se, pavido e constricto,
E sob o vasto Azul um Deus adore?

Que muito é, pois, tambem que na agonia,
Mal abafando na garganta um grito,
Já moribundo, elle blaspheme e chore?...

II

E elle chora e blasphema, porque em volta
Do seu viver os Males se condensam,
E espera embalde que a divina bençam
Lhe ponha um termo á causa da revolta.

Porém, as trevas mais e mais se adensam
Obumbrando-lhe a mente desenvolta,
E elle passa no meio dessa escolta,
Fitando o céu, á espera que o convençam...

Paladino sem fé nem esperança,
Contempla então no pobre altar despido
As imagens de Deus sem entendel-as...

E erguendo o olhar ingenuo de criança
Ao Azul não vê mais, entristecido,
Do que estrellas... estrellas... só estrellas...

DOUTOR FAUSTO

A Vitaliano Rotelini.

(Segundo uma gravura alleman).

I

Côa o luar no gothico aposento.
Fausto, fincando o cotovêlo agudo
Na mesa, as magras mãos na fronte, mudo,
Sente invadir sua alma o desalento.

Dos alfarrabios consumiu no estudo
A mocidade... Como a folha ao vento,
Tudo que levantou seu pensamento,
Tudo cahiu, desfeito em cinzas, tudo...

Dentro do fragil carcere de argila,
Da innocua infancia rustica e tranquilla
O doce alvôr lembra-lhe a alma em vão...

Pensa na morte... Sonda-lhe o horror profundo. .
Nisto, entre chammas, do aposento ao fundo,
Surge a rir Mephistofeles do chão...

II

Ao velho Fausto o Tentador dizia,
Extendendo no chão seu rubro manto:
— “Dou-te de novo o juvenil encanto
Em troca de tua alma.” — E o Diabo ria...

Fausto lhe respondeu com ironia:
— “A troca me convem... Dar-te por tanto
Tão pouco! Só não t’o daria um santo...”
E a alma vendeu, sabendo o que vendia...

E o velho viu cair-lhe aos pés nessa hora
A longa barba... E o Diabo, sem demora,
No seu manto, de subito, o colheu...

E ambos partiram pelo Azul superno:
Zombando o sabio do poder do Inferno,
O Diabo rindo do poder do céu...

HERANÇA DO MAL

Numa noite azul de luar de prata
ouvi fallar assim a uma estrella, que
fulgia mais do que as outras no céo
translucido...

— “Pagando com usura o tragico estipendio
Da Morte, como um verme, estorce-se, lá em baixo,
O Homem, que só herdou o onusto e vil dispendio
De Erros e Culpas do Primeiro Macho.

Humilde embora como o humillimo escalracho,
Já não tolera, emfim, tamanho vilipendio,
Pois nutre a pretensão, com seu pequeno facho,
De atear no Azul um flammejante incendio...

Subir! Subir! Subir! — Tal é o que elle, emtanto,
Aspira, embora vá dentro do rubro manto
Do Diabo, como Fausto, fascinado...

E sóbe... e sóbe... e sóbe... até que as azas foscas
Colhe o Diabo, e elle cae nas terebrantes roscas
Da serpente de bronze do Peccado.” —

SONETO POSTHUMO

(de um philosopho suicida).

Ha dentro em mim dous sêres: — um que nega,
Outro que affirma, numa eterna lucta:
— Lucta incessante, formidavel, céga,
Em que a victoria cada qual disputa.

Este combate pela Crença e escuta
A voz do coração que a Deus se entrega;
Serve aquelle ao Demonio que perscruta
O espirito das cousas na refréga...

Concita o Sentimento: — “Em Deus confia,
Homem feito de argila que a Serpente
Instiga ao Mal na eterna rebeldia...” —

Mas a Razão replica: — “O’ Homem forte!
Repousa em paz no seio do Inconsciente,
Porque só tens uma certeza — a morte.” —

SONETOS DE UM MAGO

A Sciencia Occulta pertence ao
Diabo.

(Do Livro IV de CORNELIUS
AGRIPPA).

I

Numa noite de inverno em que eu relia
Folios poentos, velhos alfarrabios,
Que tratam da Kabbala e da Magia,
— Sciencias occultas dos antigos sabios,

Vi de repente uma figura esguia,
Olhos de fogo, chammejantes labios,
Que me disse, com laivos de ironia,
Sobraçando papyros e astrolabios:

— “Si queres penetrar no Mundo Excelso
Dos Arcanos, empunha firmemente
A espada fulgural de Paracelso.

Pois que num vivo duello, de improviso,
Has de partir o gladio refulgente
Do Anjo que te expulsou do Paraiso.” —

II

E perguntei-lhe: — “O pomo da Verdade
Existe acaso na Arvore da Sciencia,
Onde tentaste o Pae da Humanidade,
Desatando-lhe as azas da Consciencia?

Não és acaso o Deus da Falsidade
Que no throno da Humana Intelligencia
Queres reinar, impondo-lhe a maldade,
Em trôco de uma turbida existencia?” —

— “Como te enganas! — exclamou, cerrando
Os punhos para o Céu o Rebellado —
Como te enganas, filho miserando

Da raça eterna de Kain maldito!
Eu tenho para o Céu que está fechado
A chave dos Arcanos do Infinito.” —

ESPHYNGE AZUL

...Au fond des cieux, au fond de l'altitude
Des cieux, les astres blancs et froids, sans lassitude,
A force d'être loin au sein de la Nuit rude,
Garderont, au dessus des maux, leur quiétude.

(EMILE GOUDEAU).

Por mais que tu, ó Crente, o céu pesquizes,
Dos coruchéos ou dos mais altos mastros,
Arrastarás nos pés os terreos lastros
Nessa legião dos Tristes e Infelizes.

És como o egypcio que no Templo d'Isis
Pedia em vão, de joelhos e de rastros,
Que a eterna esphyngue azul do céu, nos astros,
Lhe predissesse as mais funestas crises...

Millenios ha que o vasto céu se arquêa
Como um docel de rutila turqueza
Onde uma chusma de astros enxamêa...

E quando, ó Crente, nessa Immensidade,
Viste um só astro encher-se de tristeza
Com as tristezas desta Humanidade?

LOGICA DO DIABO

Si Deus existe, como a Biblia ensina,
E o Homem tirou do Chaos, do grande Nada,
Para a lucta da Vida, ardua, assassina,
Entre o Egoismo feroz e o Amôr travada;

Si Deus na alma nos poz, ardente e alada,
A crença do Ideal e, negra sina!
Fel-a depois cahir, d'aza quebrada,
Nas proprias garras da illusão divina;

Si Deus, depois de tanto desengano,
Cerrou ouvidos ao lamento humano,
Que ha millenios procura o azul dos céos;

Si Deus matou seu proprio filho — Christo;
(Fallo por vós, ó mães!) si Deus fez isto...
(Fallo por vós...) — Maldito sejas, Deus!

JESUS

La religion du Christ est une religion de désespoir, puisqu'il désespère de la vie et n'espère qu'en l'éternité.

ALFRED DE VIGNY.

Só porque minha Mãe, doce lembrança!
Teu nome, entre orações, me repetia,
Quando apenas eu era uma creança
E ia dizendo o que ella me dizia:

Meu labio inda hoje, numa prece mansa,
Repete-o sempre, ó filho de Maria,
Hoje que já perdi toda a esperança
De ir ter comtigo lá no céu um dia...

Mas nem por isso, ó rude carpinteiro,
Que expiraste no tragico madeiro,
Allucinado por um sonho insano,

Eu desconheço os males do teu erro,
Pois não nos déste mais, neste desterro,
Que a religião do desespero humano...

A TENTAÇÃO DE CHRISTO

Intendant des somptueux pechés et
des grands vices, Satan, c'est toi que
nous adorons, Dieu logique, Dieu juste!

(HUYSMANS. — *Lá-Bas*. — Mes-
se noire).

Satan, o tenebroso Archanjo Trismegisto,
Levou o Nazareno ao cimo da montanha,
E pondo em sua voz uma attracção tamanha,
Soberano e revél, fallou assim a Christo:

— “Olha — e apontava o mundo — é meu, é meu tudo isto,
E dal-o posso a quem acreditar na extranha
Força do meu poder que a terra toda ganha...
Adora-me, e será só teu o que tens visto.”

Christo lhe respondeu: — “Retira-te! Sómente
Adoro meu Senhor, meu Deus, meu Pae clemente!”
E o Demonio fugiu... — De tanta dôr ao cabo,

Dize-me, ó carpinteiro ingenuo da Judéa:
Para que nos serviu tua divina Idéa?
Antes tivesses feito um pacto com o Diabo...

A VELHA SERPENTE

— “Maldita sejas tu, Velha Serpente,
Que á primeira Mulher que veiu ao mundo
Déste a comer, maliciosamente,
O pômo sensual do Amôr fecundo.

“Tal é teu crime, que no lôdo immundo
Caminharás de rôjo eternamente,
Como o bicho mais vil e nauseabundo...
Maldita sejas tu, Velha Serpente!” —

Assim Deus te fallou no Paraiso,
Depois que Adão colheu nos labios de Eva,
Num longo beijo, o virginal sorriso...

E tu, Serpente, desde então rastejas,
Mas ouves só do teu golphão de treva
Esta oração de amôr: — “Bemdita sejas!” —

ADÃO

O Pae do genero humano foi enterrado no monte Calvario. Quatro mil annos depois, a cruz de Jesus-Christo foi plantada sobre a mesma sepultura de Adão.

(Padre J. GAUME. — “*Cath. de Perseverança*”).

— “Quatro mil annos faz, Jesus, que nesta alpestre
E arida serra, onde hoje expiras como um réo,
Achei, — soffrendo ainda o estygma atroz do Céu, —
O meu pouso final na habitação terrestre.

“Mas repousei emfim... Porque, Divino Mestre,
Vens hoje me acordar com tamanho escarcéu,
Fazendo remugir a dôr de um povoléu,
Na mudez ancestral desta montanha alpestre?

“Pesa-me tua Crüz como si ella tivesse
O peso secular do humano Soffrimento
Desde que me feriu o anathema fatal.

“Jesus! morres em vão, expiando o Mal reféce!
Porque em torno da Cruz — a Cruz do teu tormento! —
Colleará, silvando, eternamente, o Mal.” —

A MULHER DE JOB

Apodrecia Job no muladar. No emtanto,
Não lhe queimava a lingua o fogo de uma praga
Contra quem o prostrou na terra de Hus, e, o manto
Rôto, deixou-o nú e o corpo, aberto em chaga...

Mas a mulher de Job pensava, com espanto,
Como podia ser que, da virtude em paga,
Elle soffresse, mudo e só, represado o pranto,
A injustiça do céu que nos abate e esmaga...

Disse-lhe, então: — “Amaldiçôa a Deus e morre!
Desengana-te, Job! que Deus não te soccorre!” —
E não havia quem deixasse de ter dó

Dessa agonia, desse horror, dessa miseria,
Desse disforme pesadelo da materia...
Toda a razão, porém, tinha a mulher de Job.

O BEIJO DE SATAN

(PARAPHRASE)

Quando o remorso mais e mais latente
Judas, o falso apóstolo, sentia,
E da arvore fatidica pendente
Seu corpo, bambo no ar, se contorcia:

O Demonio o fitava bem em frente,
Tocado de tão misera agonia,
Té que lhe viu na bocca horrendamente
A derradeira contracção sombria...

Satan então sorriu, fitando o rosto
De Judas, mortalmente descomposto
Num esgar de maldito desaforo...

E em paga desse beijo que inda em vida
Deu em Jesus o traidor suicida,
Beijou-lhe o rosto a sua bocca em fogo...

A UM CÃO

Quando escrevi estes versos, eu tinha os olhos arrasados de lagrimas: é que morreste, ó meu amigo, pobre cão! que no recanto de meu lar eras conhecido pelo imponente appellido de “Monarcha”, apesar de seres bondoso, fiel, humilde e obediente...

I

Quando um monarcha — um príncipe da terra—
Morre, trôam canhões, os sinos clamam,
Curvam-se as hastes dos pendões de guerra,
E lagrimas pomposas se derramam.

Nos penetraes do Arcano Formidando
O morto paramenta-se de gala;
Como que a Dôr triumphá, clarinando,
E, imperativa, os animos abala.

Erige-se na sua sepultura
Um mausoléu de bronze e de granito,
Que por seculos e seculos perdura,
Entestando no páramo infinito.

Seu epitaphio é um trecho de epopéa,
— Resumo do seu largo poderio,
Que no estuario do tumulo collêa,
Até perder-se, como um largo rio...

Assim é que do Tempo a lima surda,
Secundando a Justiça, então carcóme
O mausoléo, que pelo chão chafurda,
Desfeito em poeira, com o regio nome.

E a Egreja reza um cantochão funereo
Para lhe dar no Céu, com segurança,
Um logar que equivalha ao seu Imperio:
Um bom logar na Bemaventurança!

II

Pobre cão! meu *Monarcha!* que contraste!
Leva-te ao Nada o carroção do lixo,
E custa mesmo achar já quem te arraste,
Porque não passas de um nojento bicho.

Uma chusma de vespas e moscardos
Acompanha-te o carro funerario,
Que, puxado por dois muares tardos,
Solavancando vae no itinerario...

Do azul suspenso como um candelabro
De ouro, lampeja o claro sol, no emtanto,
E accende irisações no volutabro
Onde vaes atirado para um canto...

Bella compensação da Natureza!
Não tens da Igreja as luzes nem os dobres,
Mais doira o sol a vasta redondeza
Do céu, e cantam aves nos alfobres...

Reza o vento nas ramas do arvoredro
Uma oração de anceios e de magoas;
Como lugentes harpas, em segredo,
Choram da fonte as crystallinas aguas...

E dissei-me, Philosophos do mundo,
Si se distingue um potentado morto
Deste meu cão sobre o monturo immundo
Quando ambos seguem para o mesmo porto...

Tudo é lodo e vaidade! A egualitaria
Sciencia proclama esta certeza d'aço:
— Que cada ser, na escala eterna e varia
Dos sêres, se transforma pelo espaço...

Por isso, ó meu amigo! ó meu *Monarcha!*
Como qualquer miserrimo vivente,
Deixas saudade nesta vida parca,
Desde que foste bom, leal, clemente...

E quero crer que, si algum premio existe
Para os bons nesse *Além* que não diviso,
Pobre cão! como um santo já subiste,
Ah! já subiste, sim, ao Paraiso...

REDEMPÇÃO DE JUDAS

A Joaquim Teixeira de Freitas.

I

Diz a Escripura que vendeu a Christo
Judas por uma bolsa de dinheiro...
Mentira! não foi este o verdadeiro
Motivo por que o misero fez isto...

Acompanhava o santo carpinteiro
Um typo de judia nunca visto:
A formosa Magdala! — o seu bemquisto
Sonho! o ideal do seu amôr primeiro!

Mas a linda judia o despresava,
Porque a Jesus queria doudamente
E a alma trazia desse amôr escrava...

Quando, uma noite, Judas viu, trememente,
Viu que Jesus essa mulher beijava
Ao fulgôr de um luar resplandescente...

II

Judas, em pranto, ouviu, desde essa noite,
Na alma invadida de um clarão do inferno,
O rumôr desses beijos, doce e terno,
Como sibilos de cortante açoite...

A serpente de um odio surdo e interno,
Cujos dentes ninguem a ver se affoite,
Acha um lugar então onde se acoite
No coração do justificado eterno.

Jurou vingar-se... Até que veiu o dia
Em que o meigo rabbi a alma serena
Exhalou numa alpestre penedia...

Mas teve inda mais odio ao ver tal scena,
Porque escutou ao pé da Cruz sombria
O chôro de Maria Magdalena...

III

Existe por ventura dôr mais forte
(Dizei-me agora, pallidos levitas
Do Amôr!) que as ancias tragicas, malditas,
De Judas quando procurou a morte?

Quando, ao ouvir imprecações afflictas,
Como um réo sentenciado, orpham da Sorte,
Viu Magdalena — a estrella do seu norte! —
Do Calvario nas sombras infinitas?

Dizei-me, emfim, si o eterno condemnado
Não merece o perdão da Natureza
Sob esse manto azul do sonho amado?

Martyr do Amôr! tu gemes sem defesa
No carcere do opprobrio emparedado,
Preso aos grilhões de uma mortal tristeza...

IV

Judas! eu vejo em ti o soffrimento
Da injustiça do céo como da terra,
Onde se perpetúa a humana guerra
Sob o esplendor azul do firmamento.

Que dôr mais alta que a mais alta serra
E' a tua! pois teu barbaro tormento
Ouço na voz do mar, na voz do vento,
Na voz das cousas que este mundo encerra.

Grande foi teu amôr como teu crime!
Tanto que a morte procuraste, afflicto,
A morte que de tudo nos exime...

E és para todos um judeu proscripto:
Mas eu escuto o amôr que te redime,
Que te redime o coração maldito...

PROPHECIA DE MICHÉAS

A Landulpho Monteiro.

Do grande e poderoso reino de Israel restava sómente a argulhosa capital de Samaria quando o propheta Michéas de Morasthi, em face da idolatria sacrilega do seu povo, entoou o canto funebre das dez tribus israelitas. Eis a interpretação livre dessa elegia de bronze que ainda sôa, atravez das edades, numa vibração intensa de desespero, como um carrilhão tocando a rebate numa cidade incendiada...

Escutae! escutae, povos da Terra! Eu vejo
Descer e caminhar o Senhor sobre o Mundo:
Fulge no seu olhar colerico lampejo!
Passa na sua voz um fremito iracundo!

Derretem-se-lhe aos pés cadeias de montanhas,
Como a cêra ao calor da chamma em paroxysmo;
Somem-se vales como rôlos d'agua, em sanhas,
Mugindo na garganta escura de um abysmo...

Israel! Israel! arrepende-te e chora!
Que nada mais já tens que a pobre Samaria,
— Reduzido torrão do teu reino de outr'ora,
Que hoje te vaticina a proxima agonia.

Assim, dia virá que, em vez de uma cidade,
Achará o viajor nesse mesmo reducto
De idolatria vã, de torpe iniquidade,
Só pedras, pedras só, cheias de eterno luto...

E eu, propheta que sou do Senhor, clamo e choro,
Encho o ar com a voz soturna do meu grito,
— Grito de alarma, grito immenso, alto e sonoro,
Mas triste como os guais de um passaro maldito...

Carne vil! veste o sacco atroz da penitencia!
Deixa vasar teu sangue e lagrimas tressua!
Mas sê como o Dragão que, uivando, na inclemencia
Do Deserto, perlustra a arida terra nua...

Que os Philisteus, porém, não ouçam vosso pranto,
Ó povo de Israel! Chora! de pó cobri-vos!
Mas abafae, do lar no humilimo recanto,
Vosso choro, assim como um bando de captivos...

Oh! bella Samaria! Oh! bella entre as mais bellas
Cidades de Israel! Teu fado hostile supporta!
Vaes dormir, ao pallôr da lua e das estrellas,
Na tua solidão como cidade morta...

Oh! mãe israelita! o teu cabello, agora,
Corta, e chora de dôr a um golpe tão certo!
Olha: teu filho vae marchar (como elle chora!)
Ao captiveiro, ao captiveiro, ao captiveiro...

VISÃO DE S. JOÃO

(Segundo o Apocalypse).

Ao dr. Carlos de Campos.

Eis que apparece
No Azul, de luz solar vestida,
A doce Virgem-Mãe que resplandece,
Plena de eterna vida...

Traz a cabeça
De doze estrellas corôada,
E sob os pés, calçando, em baixo, a espessa
Noite, a lua argentada...

Treme-lhe o seio
Do amôr ao fremito fecundo:
E' que ella traz ao collo, em doce enleio,
O Salvador do Mundo.

Subito, erguendo
Sete cabeças com diademas,
O Dragão apresenta o aspecto horrendo
Das rebelliões supremas.

Nesse momento
Quando, sanhudo, a cauda agita,
Muitos astros do vasto firmamento
No espaço precipita...

O Monstro espera,
Numa insistente e muda ameaça,
Roubar o Filho áquella Mãe austera
— A Mãe, cheia de Graça...

Quer devoral-o
Para fugir ao seu dominio,
Para tornar o Mundo num vassalo
Do seu poder fulmineo.

Nisto, a Creança
Do Padre Eterno ao throno ascende,
E o archanjo S. Miguel no espaço avança
E o Dragão surprehende...

Traz a phalange
De anjos de Deus, em punho a espada,
Que a luz dos astros rutilos refrange
Na noite alvoroçada...

Trava-se a lucta
Com o Dragão e seus sequazes,
Que se exasperam por vencer na bruta
Sanha de Satanazes.

Logo a victoria
Clarins resôam proclamando:
“Gloria ao Senhor pelas alturas! Gloria
Ao Senhor formidando!”

Então, convulso,
Jurando ao Céu eterna guerra,
Róla o Dragão no azul, do Céu expulso,
E vem cahir na Terra.

Mas a Serpente
Persegue a Virgem-Mãe, de perto,
Carregue-a embora uma aguia ali-potente
Aos antros do Deserto:

Persegue-a... e expelle
Da sua bocca fumegante
A agua de um rio que arrebatava a imbelles
Num vórtice espumante...

Em vão! Por isso,
Investe contra o mundo, irado,
E faz nelle brotar, cheia de viço,
A seára do Peccado.

TEMPLO DE SATAN

A um padre missionario.

Quem lê hoje Missaes? A Natureza
Fazes bem de banir da Arte Christã,
Porque sabes de ha muito, com certeza,
Que a Natureza é o templo de Satan.

E' da montanha na aspera grandeza
Que canta o Sol a missa de Ahriman,
Diffundindo, no valle e na devesa,
Largas bençams de luz fecunda e sã...

E amando a Natureza, eu amo a Terra,
Cybele eterna! que no seio encerra
A vida de um Messias redemptor,

Que o Céu escalará para o Futuro,
Elevando, em lugar de um Templo escuro,
A Torre de Babel do Grande Amôr!

CANÇÃO DO LOUCO

(De PAETEFI SANDOR, poeta húngaro).

Meu pão, meu vinho e até minha água
Envenenaram... Triste acção!
E depois, com fingida magoa,
Depois cercaram meu caixão.
Não lhes mostrei a cara má...
Ah! Ah! Ah! Ah!

A cada um, ao beijar-me o rosto,
De odio mordi quasi o nariz;
Mas fiz melhor pondo-os a gosto:
Empestei-os eu por um triz
Com o cheiro da carne má...
Ah! Ah! Ah! Ah!

No adusto areal da Africa em fogo
Cavaram-me o tumulo, onde eu
Já repousava, quando logo
Feroz hyena appareceu,
Porém, como elles, não tão má!
Ah! Ah! Ah! Ah!

Desenterrou-me, mas, comendo
Meu coração cheio de fel,
Sentiu engulho tão horrendo
Que teve a morte mais cruel...
Eu a enganei... Que acção tão má!
Ah! Ah! Ah! Ah!

Porque me rio como um louco,
Quando devia só prantear,
Num eterno soluço rouco,
Dos homens a maldade alvar?
E' que possuo a sina má...
Ah! Ah! Ah! Ah!

Deus não chorou por ter creado
O mundo? Para que serviu?
Tambem de Deus é negro o fado:
Pois seu pranto, quando cahiu,
Tornou-o em lôdo a terra má...
Ah! Ah! Ah! Ah!

Minha mente já se consome...
Mas aprendi tudo isto com
Certo philosopho que a fome
Matou por ser austero e bom...
E' que a Virtude é sempre má!
Ah! Ah! Ah! Ah!

Antes fosse elle um assassino,
Que alcançaria a gloria vã,
Ouvindo em cada bocca um hymno
Ao seu amor de alma christã!
(Como és blasphema, ó bocca má!)
Ah! Ah! Ah! Ah!

Diz-se que um fructo já maduro
Deve cahir... apodrecer...
Oh! Terra! — eterno exilio escuro! —
Madura estás! Deves morrer!
Assim te auguro a queda má...
Ah! Ah! Ah! Ah!

Mas si amanhã tu não findares,
Eu te farei como um paiol,
Em chamma arder, voar nos ares,
Com um facho, maior que o sol,
Oh! Terra Triste! Oh! Terra má!
Ah! Ah! Ah! Ah!

ESCADA DE JACOB

(A um poeta satanista).

Jacob (refere a Biblia) vê, sonhando,
Numa escada de luz, do céu á terra,
De anjos descer um mysterioso bando...

E os vis cuidados que sua alma encerra
Jacob esquece, a pleiade fitando
Que nos vastos degraus de nuvens erra...

Sonhas tambem, poeta... Mas teu sonho
Não prende a terra ao claro céu superno
Por esse laço mystico e risonho
Dos anjos triumphaes do côro eterno...

Teu sonhar é hyperbolico e tristonho:
Pois, em vez de subir, num eviterno
Pavôr, desce, phantastico e medonho,
Torcicollando, ao boqueirão do inferno.

O SONHO DE PARACELSO

Ao dr. Eugenio Egas.

Fitando o luar que flue nos vitraes da janella,
Paracelso, o alchimista, o velho visionario,
No seu laboratorio, entre retortas, véla,
Enlevado, a sorrir, num sonho extraordinario...

Vêem-se drogas lethaes, dentro de um velho armario,
Em ambulas de vidro. Arde um fogão na cella,
Onde funde os metaes o sabio solitario.
De um gato escuro, a um canto, o verde olhar estrélla...

Sonha o alchimista: — o seu olhar agora via
Transmundados em ouro os vis metaes; e, agora,
Era senhor da força occulta da Magia;

E, como possuidor de tamanha riqueza,
Ouvia mil clarins, por céos e terra em fóra,
Proclamando o poder de sua alta realeza.

A CABEÇA DE S. JOÃO BAPTISTA

No seu leito incestuoso repousava
Hérodíade, a lubrica judia,
Quando entre sonhos viu, torva e sombria,
A cabeça do Santo que ella amava.

Ao contempla-a, sua carne escrava
Na labareda da luxuria ardia...
Mas a frente do Santo estava fria,
A lingua muda, a face triste e cava...

Lembrou-se então do dia em que o propheta
Repelliu seu amor como um asceta
Quando do cárcer lhe transpoz a porta...

Lembrou-se ainda da homicida sanha...
Nisto, a chorar de commoção extranha,
Beijou-lhe a gélida cabeça morta...

AS MUMIAS EGYPCIAS

(Das *Piedras Preciosas* — de SALVADOR
RUEDA).

Não é dado a ninguém tornar a vida
Inerte e muda como simples nada,
Porque não é materia inanimada
A escoria de uma carne apodrecida...

Disso que chamam *alma* — desunida,
E com o pó universal mesclada,
Ella sempre revive, transformada
Em flôr, ou ave, ou cousa indefinida...

Mumias! que lei contrária ao ser vivente
Vos quer fazer parar eternamente
Na evolução dos seres e das cousas?

Em vão! porque sereis na Vida, em breve,
Na eterna rotação que ella descreve,
Cardos ou lyrios, rãs ou maripôsas...

A PRAGA DO MENDIGO

Ao dr. Odilon Goulart.

— “Para encobrir, ó minha mãe, teu erro,
Na roda me puzeste sem piedade,
E a vida para mim foi um desterro,
De minha infancia á minha mocidade.

Arrastei a miserrima orphandade,
Como um forçado em vis grilhões de ferro,
E vi passar toda a florente idade,
No duro esquife do meu proprio enterro...

Agora, como invalido mendigo,
Sem familia, sem pão e sem abrigo,
Espero a paz na morte deleteria...

Talvez habites a região celeste...
Mas de um minuto de prazer fizeste
Oitenta annos de dôr e de miseria!” —

VISÕES DO PROPHETA

A A. Goulart.

(Versão livre de ALEXANDRE POUCHKINE, o maior poeta lyrico da Russia, nascido em 1799 e morto em duello em 1837).

Pela sêde atormentado
De luzes celestiaes,
Eu me arrastava, ajoelhado,
Num deserto só povoado
De ferozes animaes,

Quando, armado de seis azas,
Vi baixar um Seraphim,
Envolto em fulgidas gazas...
(Nos paineis das Santas Casas
Igual eu não vi assim!)

Tocou-me então com seus dedos
Os olhos... Que talisman!
Tudo avistei, sem segredos,
Qual aguia que dos rochedos
Olha, altaneira, a rechan...

Das miserias deste mundo
Vi logo o negro crisol,
Como de um pantano immundo
O verde, o lodoso fundo,
Exposto ao queimôr do sol...

Roçou-me tambem o ouvido
Com sua sagrada mão:
Ouvi logo, embevecido,
O rumôr indefinido
Das estrellas na amplidão...

(Que contraste! O humano vicio,
Como fanfarra infernal,
Lançava ao Céu o convicio
Das paixões do seu flagicio
Numa infrene saturnal...)

Depois, beijando-me os labios,
A lingua então me arrancou:
Lingua cheia de resabios
Dessa mentira dos sabios
Que de Erros a saturou...

E na minha bocca ardente
Collocou, em seu logar,
O aguilhão de uma serpente,
— Bifido gume tremente
Esfusiando sempre no ar...

Senti nesse mesmo instante
Uma ancia douda, febril,
De me arrastar, soluçante,
Junto a uma cruz negrejante,
Nas urzes de um cerro hostile...

Fendeu-me o peito, em seguida,
Com sua espada de luz,
E por sangrante ferida
Meu coração já sem vida
Nas suas mãos veiu a flux...

E no meu peito vasio
Um carvão em chammas poz,
Que me fez no corpo frio
Ferver o sangue tardio
Num curso quente e veloz.

Mas, ás subitas, no espaço,
O Seraphim se perdeu,
Não deixando nem um traço
Do seu rutilante passo
Nas profundezas do céo...

Nisto escutei, em voz cava,
O que me disse Iahveh:
— “Levanta-te, argilla ignava!
Anda! Préga á turba escrava
A biblia de minha Fé.

“Percorre o Mundo, clamando
Contra o Espirito Revél:
Que o teu Verbo formidando
Aos poucos irá minando
A diabolica Babel.

“Com tua alma illuminada
De luzes celestiaes,
Leva, carcassa animada!
Minha Palavra abrazada
Ao coração dos Mortaes.” —

A UM ESTOICO

O homem vive pouco sobre a terra,
mas a sua vida é cheia de miserias:
“Brevi vivens tempore, repletur multis
miseriis”.

(Do *Livro de Job*).

Num castello de cartas derruido
Cifram-se as tuas illusões fallazes,
Em que, sombrio anatomista, fazes
A propria anatomia do gemido.

Sarjam-te a alma os bisturis mordazes
Da ironia... Que importa? O busto erguido,
Palpando ainda o coração ferido,
Affrontas, com desprezo, os Satanazes.

Não que ambiciones as corôas parvas
Neste valle de lagrimas de lôdo,
Onde a Vaidade occulta ascosas larvas...

— E' que a idéa do Nada te consome:
Pois o que aspiras neste mundo todo
E' uma pequena lapide... sem nome.

CÉRES DE GNIDO

(Das *Piedras Preciosas* — de SALVADOR
RUEDA).

Adivinha-se o par de pomas duras
Que um filho amamentou dando-lhe a vida,
Através da roupagem mal cingida
Que do corpo te envolve as formas puras...

Do fêto a gestação estremecida,
Só te causa voluptas e venturas,
Até que te revês, nas angusturas
Do parto, em outro ser reproduzida...

Lembras-me a Virgem-Mãe do Christianismo,
Em cujo olhar soluça o mysticismo
De uma luz sempre unvida de piedade...

Mas eu te encaro com amôr mais franco,
Porque palpita no teu ventre branco
A dôr sagrada da maternidade.

MISSA NOVA

Fazes-me rir, angelico Tartufo,
No pulpito sombrio das Igrejas,
Quando, a prégar, num largo assomo buffo,
Contra o amôr, apopletico, esbravejas...

E' que, a despeito desse teu arrufo,
Beijarias, eu sei, em taes pelejas,
Com tanta unccção, o bico de um pantufo,
Como a patena de ouro, á missa, beijas...

Cala-te, pois, padre funambulesco:
Que não passa de um caso picaresco
A castidade ideal do teu sermão.

Eia! cá fóra, como um homem, gosa!
Ama! cantando, em plena luz radiosa,
A missa nova da procreação.

A RESURREIÇÃO DE LAZARO

Ao Padre Senna Freitas.

(PARAPHRASE)

Lazaro ergueu-se á voz do Nazareno...
— “Porque, doce Rabbi, — assim dizia, —
Me chamas tu á vida a um teu aceno
Quando na morte já não mais soffria?

Porque escutaste o lacrimoso threno
Dos corações de Martha e de Maria,
Quando, bondoso Espirito sereno,
Livre da eterna dôr, eu já dormia?

Acaso commetti algum peccado
Tão deshumano, que eu me torne agora
Dos desgraçados o mais desgraçado?

Punes em mim os crimes do teu povo...
Pois nesta escura, inexoravel hora,
Torno a viver para morrer de novo...” —

TORSO DE BELVEDERE

Ao dr. Baptista Pereira.

(Das *Piedras Preciosas* — de SALVADOR
RUEDA).

Em que batalha entraste, que, em pedaços,
Hércules immortal! voltas á vida?
Quem no corpo te abriu tanta ferida
Que ao torso te arrancou pernas e braços?

Foi acaso em colericos rechassos,
No mais acceso da guerreira lida,
Que te rolou dos hombros, desprendida,
A cabeça febril de rudes traços?

Vendo talvez do Mal a triumphante
Babel erguer-se, tua mão possante
Quiz derribal-a para humano exemplo...

E esbarrondando a aboboda em teus hombros
Sepultado ficaste nos escombros
Como Sansão no legendario templo.

A UMA NOVIÇA

Em nome do Amôr e da Natureza!
maldita sejas, noiva de Christo, que o
mundo abandonaste por um convento...

Grite a luxuria no teu corpo em febre,
— Corpo viuvo do amoroso beijo, —
Mas no leito vasio então se quebre,
Estertorando, a voz do teu desejo.

Tua carne queixosa emfim se alquebre
Da velhice ao congélido bafejo,
E, como nas ruinas de um casébre,
Leve-lhe o inverno o ultimo lampejo...

Mas, nesse “dies iræ” da Materia,
Ao pé da Cruz, em pranto, que miseria!
Não aches nella o minimo conforto.

E a morte esperes, monja ciliciada,
Sem que ouças nunca uma palavra amada
Dos labios frios do teu Christo morto...

CONTRICÇÃO DE VERLAINE

A ti, Santo sem altar, Glorioso
Martyr do Sonho Mystico, a ti, Bem-
aventurado do Inferno da Carne, a ti,
que escreveste o piedoso livro — *Sa-
gesse*, depois da magia negra dos *Poè-
mes Saturniens...*

Na purificação da culpa que te encarde
Todo o passado — culpa tragica e solemne! —
Vãmente, alma christã! vãmente em chammas arde
Teu coração votado ao céo em laus-perenne!

Sim! de tanto fervôr para que tanto alarde,
Si, com o seu perdão embora Deus te acene,
Tua carne se insurge e exclama: — “E’ tarde! E’ tarde!” —
Na voluptia infernal do seu desejo infrene?

Assim, por mais que suba a alma que te acompanha,
Numa assumpção de luz, ao alto da Montanha,
Onde jamais brotou do Mal o vil tortulho,

Não te pódes conter na hora mortal do Tédio,
Pois ouves, conclamando, em tenebroso assédio,
A voz do Sangue, a voz do Amôr, a voz do Orgulho...

DIOGENES

A Americo de Campos Sobrinho.

Verdadeira miseria é viver na terra.
Quanto mais espiritual quizer ser o
homem, tanto mais amarga lhe será a
vida: porque sente com maior intensi-
dade e vê mais claramente os defeitos
da corrupção humana.

(KEMPIS, liv. I, cap. XXII).

Liberto da illusão de todos os amores,
Olhando o mundo como antro de feras bravas,
Dentro de tua cuba, ó Diogenes, rosnavas
Ante esta farça van de risos e de dôres.

Quiz um dia, porém, Aspasia vêr si a amavas,
E foi, ó sabio cão, coberta de esplendores,
Tentar-te no canil com joias e com flôres,
Pois lhe disseram que de todo amôr zombavas...

— “Despe-te, cortezan, — disséste logo, é certo, —
“Nesse teu corpo assim de perolas coberto
“Vejo o pranto da plebe envolta em seus farrapos...”

Com isso a bella Aspasia, ó sabio, confundiste...
Mas qual será mais vil, mais cynico, mais triste:
— O orgulho do seu luxo? o orgulho dos teus trapos?

MAGIAS DA CARNE

IRREPARAVEL

Impressão de uma agua-forte —
“A Bebedora de absintho”, — de FELI-
CIEN ROPS, um dos “malditos” inicia-
dos no espiritalismo da luxuria de
BAUDELAIRE: — o Satanismo.

I

Bocca sanguinea e quente — golpe vivo
De uma gelida lamina acerada! —
Como uma flôr de vinho e fél, queimada
No fogo esteril do seu beijo esquivo...

Verdes olhos de perfido attractivo,
Que, saturando como o absintho, em cada
Olhar, deixam de tédio a alma gelada,
Sem um consolo, sem um lenitivo...

Mãos de Febre e de Sonho, transparentes,
Afeitas a cerrar os olhos crentes
Dos que desmaiam no seu frio seio...

Ventre infecundo mas voluptuoso
Que a Loucura propina com o Goso...
— Eis a mulher que eu amo e que eu odeio!

DE PROFUNDIS CLAMAVI

(Paraphrase de CH. BAUDELAIRE).

II

Exoro-te piedade, imploro-te socorro,
Deste abysmo onde jaz meu frio coração,
Onde vivo a morrer, onde a viver eu morro,
Cheia a bocca de fêl, de horrôr, de maldição...

E' uma região polar que em lagrimas percorro,
Com os pés sobre a neve, o olhar na escuridão,
Que encobre o céu azul como chumbado fôrro:
Um paiz sem calôr e sem vegetação.

Acontece, porém, que a luz de um sol de gêlo
Trespasa alguma vez a escuridão polar,
Como si a trespassasse um algido cutello...

E sinto em cada fibra um urso branco a uivar,
— Tropego o passo, o olhar em chamma, hirsuto o pêllo, —
Com fome do teu beijo, archanjo tutelar!

BEATA BEATRIX

III

Dizem que és casta, és santa, és pura...
E, na verdade, quem te veja
O rosto... os olhos... a figura
Que lembra as santas de uma Igreja,

Por Deus! negar não póde, jura
Que és pura, és santa, és casta, e beija,
Com unctuosa compustura,
Tua mão franca e bemfazeja...

Mas que o Senhor me fira em cheio
O coração, si, em longo aneio
Da mais brutal paixão espuria,

Teu corpo em meus braços de ferro
Não palpitou ouvindo o bérro
Do bóde negro da Luxuria!

MISSA DE AMOR

IV

Sobre o teu branco ventre, côr de leite,
— Allucinante marmore de Paros, —
Canto, ó meu sonho, a missa do deleite,
Eu, o ministro de teus sonhos raros.

Lubrificam-te os olhos, como o azeite
Da lampada de um templo, os éstos claros
Da voluptia... Ai, assim, amo-te, amei-te,
Altar ungido de meus beijos caros.

Vamos! Que as hostias brancas do teu seio,
Tremulas, saltem da camisa, louca...
Que o calix seja a tua bocca langue...

De joelhos, présto! A missa vae em meio...
— Póde o beijo cantar na tua bocca!
— Póde romper a orchestra do teu sangue!

DONNA FRANCESCA

(GABRIEL d'ANNUNZIO).

V

Quando, uma noite, com a mão nervosa
Do teu quarto afastei o reposteiro,
Estavas no teu leito feiticeiro,
Braços em cruz, numa oração piedosa.

Tinhas em frente a imagem dolorosa
De Christo que morria num madeiro;
Mas, ai de mim! embriagou-me o cheiro
Da tua carne de verbena e rosa...

E approximei-me como um sacerdote,
Ungindo-te de beijos, no decote,
Dos seios rijos o pequeno par...

Mas quando tu despiste a alva camisa
E mal vi tua pelle branca e lisa,
Cahi de joelhos como ao pé do altar...

VULNUS AMORIS

VI

Ninguém sonde jámais a viva chaga
Que no meu sangue se alimenta agora,
— Bocca voraz de amôr, lasciva e maga,
Que a alma dementa e o coração devora.

Mas essa bocca, que tortura e afaga,
Que morde e beija, que maldiz e implora,
Dirá sómente a dôr que me embriaga
Na hora da minha morte, só nessa hora...

Porque esse amôr, voluptuoso e occulto,
Que tanto eleva, tanto abate, elando
Duas almas, dois corpos, num só culto,

Me faz gosar os mais febrís assombros,
Pois eu vivo, entre o inferno e o céu voando,
Com as azas de Lucifer nos hombros!

CREDO

VII

— “Não crer em Deus! que horrôr e que peccado!” —
Ella assim falla e fita-me com pena
De ver-me ao fogo da infernal Gehenna
Irremissivelmente condemnado.

E, compassiva, a sua mão pequena
Estende-me num gesto abençoado...
Mas eu que aos pés lhe caio, ajoelhado,
Confesso-lhe a paixão que me condemna:

— “Não creio em Deus; mas creio no teu beijo
Que o sangue me alvorota nas arterias
Na rebellião do mais carnal desejo:

“Creio no ardor de teus abraços, louca!
Si tenho, neste valle de miserias,
A minha bocca sobre a tua bocca...” —

PSALMOS E EXORCISMOS

A COMEDIA DO AMÔR

A. A. Salles Junior.

ENCORE UN INSURGÉ!

(*Le Mal de Misère* — de H.
NAPIAS).

Attrahidos e presos num abraço
Beijam-se os dous na syncope amorosa...
Que longo beijo! Que apertado laço
De amôr! Quanto esse par aneia e gosa!

— “Que venturoso par! Que venturosa
Scena de amôr!” — direis... Mas eu que passo
Da Vida a perquirir a alma anciosa,
Como das Cousas o segredo escasso,

Eu vos direi: — “Que desgraçados! Antes
Morressem, tendo os corações amantes
Atravessados de punhaes buidos,

Do que houvessem gerado mais um ente,
Um revoltado, um pária impenitente,
Naquelle beijo cheio de gemidos...”

FREI SATANAZ

(Lenda da Idade Média).

I

Na bibliotheca de um convento (um frade
Da Idade Média narra em manuscripto)
Achou-se um livro pelo Diabo escripto
Quando fez parte da communidade...

Era a novella de um amor maldito
Que teve Satanaz na Média Idade
Por uma Santa, que, na mocidade,
Votou a Deus seu coração contricto.

Esse livro foi posto num brazeiro
Deante dos monges do exemplar mosteiro
E reduzido a cinzas num momento...

E para que do livro não ficasse
Nem um argueiro, da irmandade em face,
As proprias cinzas dispersou o vento...

II

Mas pelo manuscripto do indiscreto
Chronista-irmão soube-se logo, um dia,
Que existiu numa cella estreita e fria
O heróe da historia desse extranho affecto.

E ninguem houve nessa confraria
Que não tivesse compaixão do quieto
E triste frade (livido esqueleto!)
Que só em preces e em jejuns vivia...

Conta-se até as folhas do Breviario
Em que rezava o Diabo solitario,
Tinham signaes de lagrimas... Coitado!

E que numa manhan de frio inverno
Foi encontrado o Tentador eterno,
No seu genuflexorio — desmaiado...

III

Numa noite de horrivel catadura,
— Noite sem astros, noite de procella, —
Começaram os sinos da capella
A dobrar... a dobrar... na torre escura.

Alguem agonizava numa cella:
— Era o frade tristonho e sem ventura
Que em sua mão gelada e mal segura
Premia, em ancias, uma cruz singela...

Por entre os uivos da nortada intensa
Ouviu-se então, dentro da noite immensa,
O *Miserere* num clamor profundo...

E a confraria o misero fitava,
Entre os fuzis da tempestade brava
Que parecia destruir o mundo...

IV

Foi posto na capella erma, deserta,
Frei Satanaz, tão triste como outr'ora,
Alumiado sómente, noite em fóra,
Do alampadario pela luz incerta...

E no outro dia, mal rompia a aurora,
Dobrava o carrilhão: Alerta! Alerta!
E a confraria, ainda mal desperta,
Entrava na capella sem demora.

Mas qual não foi de cada monge o espanto
Quando se viu sob o mortuario manto
Seu esquife vasio e desconjuncto...

Refere a lenda que da egreja as portas
Se abriram de repente ás horas mortas
E os anjos conduziram o defuncto.

PERGUNTAS AO SOL

A Nuto Sant'Anna.

(PARAPHRASE)

I

Interroguei um dia ao sol nascente:

— “Porque, na festa fulgural da aurora,
Quando surges do mar, o céu do Oriente
De vivas côres triumphaes se enflora?”

Deu-me em resposta o sol: — “E’ que eu, amigo,
Nesta viagem pelo céu profundo,
Levo a esperança — o grande sonho antigo! —
De ser feliz, illuminando o mundo”. —

II

Ao sol poente perguntei um dia:

— “Porque, quando no mar desapareces,
Do horizonte na linha fugidia
O céu occidental empurpleces?”

O sol me respondeu: — E’ que, no mundo,
Vejo miserias taes que me envergonho,
E, cheio de rubor, de asco profundo,
No occaso escondo o meu eterno sonho...”

O ESPECTACULO DA VIDA

(Das *Piedras Preciosas* — de SALVADOR RUEDA).

Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas, que sois como os tumulos: por fóra sois formosos, na verdade, mas por dentro estaes cheios de ossos de mortos e de todas as immundices.

(Palavras de JESUS CHRISTO).

Ante meus olhos, com secreto espanto,
Vi desfilarem, nesta humana vida,
Seres e seres de honradez fingida,
Da hypocrisia sob o falso manto.

Quantos sorrisos contrafeitos! Quanto
Remorso na consciencia corrompida!
Quanta dobrez numa cerviz erguida!
Quanta mentira no amoroso encanto!

E dos homens que tenho conhecido
Um entre mil achei que digno ha sido
De ornar a fronte com virentes palmas.

Descreu por isso minha sã consciencia
Ao attentar, no palco da existencia,
Em tantos homens e tão poucas almas.

NIHIL

(S. RUEDA).

Si as cinzas do mais forte Soberano
Cabem na mão como um punhado leve,
E o Tempo edaz a escarnecer se atreve
Da Gloria astral do proprio Genio Humano;

Si a aurea grandeza do poder romano
Desapparece como sonho breve,
E o Homem, por mais que no saber se eleve,
E' de si mesmo o mais cruel tyranno;

Sciencia! — não gastes mais tua energia
Em prolongar do coração desperto
A dolorosa e barbara agonia.

P'ra que alongar nosso destino incerto,
Si das proprias pyramides um dia
A poeira rolará pelo deserto?!

A DEUS

(Soneto de E. HARAUCOURT).

Si é verdade que tu, ó Deus, Juiz Supremo,
Existes, mas a quem blasphemei; si é verdade
Que devo um dia, inerme e nú, na Eternidade,
Esperar a teus pés o meu castigo extremo:

Tu, ó Deus, perdoarás o meu grito blasphêmo,
Tu, ó Deus, perdoarás a minha iniquidade,
Pois sabes que, na Dôr, a Duvida me invade
E não me escuta o Céu quando por terra eu gemo...

Sabes — e tu sómente! — o fundo desta chaga
Que toda a minha vida em pranto e sangue alaga;
Sabes tu só, só tu, meu desespero eterno...

Ninguem sondou meu mal — mal secreto e profundo!
Porque fiz sempre rir meu pranto neste mundo
E sempre enchi de luz e de anjos meu Inferno!

ACTO DE CONTRICÇÃO

(escripto depois da leitura de uma poesia de Santa Thereza de Jesus, quando esta carmelitana se refere a Satan).

Já que meu coração, no desencanto
Das illusões do Orgulho e da Vaidade,
Encruou na feroz iniquidade,
Como na rêde de infernal amianto,

Dae-me, Senhor! um pouco de piedade,
Para que eu possa, com esse oleo santo,
Ungir meu seio onde seccou o pranto,
Como a esteril Gomorrha da Impiedade.

Uma lagrima só que me tombasse,
Como divino balsamo, na face,
Desfaria, Senhor! minha cegueira...

E essa gotta de lagrima salgada
Lavaria, num sonho de alvorada,
As maldições de minha vida inteira.

DIALOGO

— “Como pódes viver sem crença alguma
Com esse rir feito de fel, zombando
De toda a crença que o ideal resuma
Do christão neste mundo miserando?...

“A que bordão te arrimas, caminhando
Após uma miragem que se esfuma
E vae fugindo ao teu olhar nefando
Até se desfazer em fria bruma?

“Não acreditas que na Immensidade
Exista um Deus de amôr e de bondade
Que os Bons premeia e os Máus do céo afasta?” —

— “Abençôa-me, padre! a alma descrida.
Pois tenho uma só crença nesta vida:
Creio no amôr de minha mãe, e basta.” —

Salute, ó Satana,
O rebellione!

(G. CARDUCCI).

Gloire et louange à toi, Satan...

(C. BAUDELAIRE).

— “Gloria a ti, ó Satan, no eterno paroxismo
Do Erebo eterno! Gloria a ti, Archanjo exul,
Que sonhas como um Deus, nas ténebras do Abysmo,
Nostalgico do Azul!...

“Gloria a ti, ó Revel, que o monge em mysticismo
Tentas no claustro, e, a léste, ao oéste, ao norte, ao sul,
Reinas no Mundo, a rir das rezas do exorcismo,
Sarcasta Archanjo exul!

“Gloria a ti, ó soberbo Arauto do exterminio,
Que insurges contra a Carne o exercito fulmineo
Dos Sonhos sensuaes!

“Gloria a ti, ó Demonio ultriz, de azas sulphureas,
Que queimas no brazeiro iniquo das Luxurias
Os corpos virginaes!”

SINOS DO NATAL

A José Vicente Sobrinho.

Meia noite. Repicam os sinos. Que dizem elles? "Nasceu Jesus! Nasceu Jesus!" E um luar de prata banha o céu, banha a terra, enquanto escuto a voz dos sinos do Natal.

Não sei que occulta mão nos leva, sei apenas
Que vamos caminhando, ás tontas, caminhando,
Sob a carga mortal de mysteriosas penas,
Ante a força minaz do horóscopo nefando...

Mas o oásis do Amôr, em miragens serenas,
Nos sorri, nos attrae... E passa o nosso bando
Embalado na voz de extranhas cantilenas...
E vae cantando... e vae sonhando... e vae passando...

Bemdito seja o Amôr que enfeita de sorrisos
A terra, e faz sonhar, creando paraísos
No céu! Bemdito seja e no céu e na terra!

E' o Amôr que nos dá os Christos pequeninos...
Bimbalhae, bimbalhae no Azul, sonoros sinos!
Dos convalles em flôr ás cuspides da serra...

O DEMONIO AZUL

(De ADA NEGRI — *Tempeste*).

Da noite apenas a luctuosa trama
Envolva tudo — o céu, a terra, o mar, —
Um demonio verás, olhos em chamma,
A fronte me beijar.

E eu, tremula e branca, abandonando
O leito em que a teu lado estou, o passo
Daquelle bello vulto formidando
Seguirei pelo espaço.

E elle ha de segredar aos meus ouvidos
O mysterio fatal da Creação,
Que me despertará, entre gemidos,
A Dôr no coração.

Ahi meus cantos de infernal magia
Como echos vibrarão de mil clamores:
— Meus cantos que soluçam na agonia
De incomportaveis dôres;

Que aos Miseraveis, na batalha insana,
Os céos apontam — os longinquos céos! —
Onde terá a grande Chaga Humana
O balsamo de Deus;

Que são feitos de Prantos e Peccados,
Que Odio tressuam, que Paixões tamanhas
Ateiam, desde os astros inviolados
Da terra até ás entranhas. —

Nessa hora de volupia e de loucura
Não me perturbes com teu zêlo; pois
Aos braços teus, como parti, tão pura
Eu voltarei depois.

Submissa, feiticeira, enamorada,
Eu voltarei para implorar teu beijo
— Threno de luz, doce canção alada, —
Que me aplaca o desejo.

E hei de pousar a minha fronte mansa,
Rindo e sonhando, sobre o seio teu,
Como candida fronte de criança
Que, a rir, adormeceu...

TESTEMUNHO DE CRISTO

— “Eu te amo... eu te amo...” disse-me, beijando
A bocca, os olhos, os cabellos... Nisto,
Por testemunha desse amôr, jurando,
Tomou a effigie do meu bronzeo Christo.

Foi-me, emtanto, infiel... Por isso, quando
Essa imagem contemplo, eu me contristo,
E vejo duas lagrimas rolando
Dos olhos cavos do meu bronzeo Christo...

A CAVEIRA HUMANA

Por traz da carne existe uma fria caveira,
Que ri de nós, que ri do nosso ardente esforço,
Desde o embryão vital em seu primeiro escorço,
Desde a cóva do ventre á cova derradeira.

Seja o athleta a lutar, de musculo retorso,
Na arena, seja o poeta em sonho a vida inteira,
Ella zomba, por traz da mascara de poeira,
Desse eterno labor que lhes corcova o dorso...

Desejo insatisfeito! eis o acicate em braza
Que esporêa o animal humano toda a vida,
Até que o leva ao Nada em que a Dôr extravasa...

Não importa! a caveira ainda ri mais forte,
Fois que ella passa, então, a mascara descida,
La comedia da vida á comedia da morte.

AUTOPSIA

(ADA NEGRI).

Impassível doutor, que empunhas o calélllo,
Incapaz de qualquer sentimento mais brando,
Vaes o meu corpo nú, sem o menor desvélo,
Talhando e retalhando...

Ah! ignoras quem fui... Não vês que desafio
O golpe cru de tua lamina glacial?
Pois já vaes conhecer do meu drama sombrio
O que fui, afinal.

Donde vim? Do peccado: engeitaram-me, creio;
Nunca soube o que fosse um carinho materno;
Não tive lar, soffri o rispido bloqueio
Das nevascas do inverno.

Curti noites de febre e insomnia, a arfar, deante
Das minazes visões do dia de amanha:
— Horas de inutil prece, horas de fome uivante,
Horas de rude affan...

Assim fui percorrendo, ao peso das fadigas,
Um por um, da Miséria escusos corredores,
Por entre crispações de faces inimigas
E mascaras de dôres...

Até que, um dia, entrei, exangue e combalida,
No lobrego hospital, já prestes a morrer :
Foi então que paguei, com uns restos de vida,
O crime de viver.

Sem ouvir, junto a mim, uma oração magoada,
Que me fizesse crer na paz do céu venturo,
Deixaram-me extinguir, num cátre, abandonada,
Como um cão no monturo...

A Natureza, emtanto, ironica e indiscreta,
Da belleza me deu o immortal esplendor;
Mas, para que? Para atiral-a á vasa infecta,
Sem um beijo de amôr.

Antes disso, bofé! que o bisturi lascivo
Me recórte a epiderme, o corpo me esviscére!
Que importa! Em mim se encarna o sonho redivivo
De uma lubrica hetére...

Mas, agora, reparo, estoico anatomista,
Que, suspenso o cutéllo, hesitas em sarjar
A neve do meu collo, estremecendo, á vista
Dessa flôr de luar...

Vamos! golpeia présto! esquadrinha e procura
O lugar em que está meu coração... Coragem!
A Dôr nelle morou qual numa furna escura
Um animal selvagem.

Ah! não basta... Depois, no meu ventre excavado,
Sonda o mysterio atroz da fome; pois, talvez,
Resolvas a questão desse mal num "Tratado",
Para o rico burguez.

Mas observa, afinal, com teu olhar profundo,
Que o meu olhar de gêlo, impavido, te accusa,
Como algoz de meu corpo — o ultimo algoz! — no mundo,
Em que fui uma intrusa...

Eis a scena final... Vamos! arreia o panno
Sobre o meu corpo nú, sem gesto e sem acção...
Que importa! Vibra em mim todo um clamor humano
De dor e maldição!

O CÉO...

(CH. BAUDELAIRE).

Por onde quer que vá, sobre o mar, sobre a terra,
Morador da cidade ou do campo distante,
No concavo de um valle ou no alto de uma serra,
Sob um clima de gelo ou sob um sol flammante,

Mendigo tenebroso ou Créso rutilante,
Quer se conserve em paz, quer se destrua em guerra,
— O Homem cae a tremer, em qualquer parte, deante
Do Mysterio que o Céu — tragico abysmo — encerra...

Sempre o Céu! sempre o Céu! — tecto que se illumina,
No theatro do mundo em que o Homem representa
— Mascarado histrião! — a comedia divina;

Em que o Homem, — pobre actor, cheio de desenganos, —
Das paixões arrostando a terrivel tormenta,
Chora, blasphema e ri — ha mais de dez mil annos...

A TORRE DE BABEL

(Dos *Sonnets Amers*, de

JEAN RICHPIN).

Mais alto! ainda mais alto! estes altos pilares
Ergamos! Torres sobre torres! Nos espaços,
Terraços collossaes sobre vastos terraços
Percam de vista, em cima e ao longe, a terra e os mares!

Toquemos com a mão os constellados paços!
Mais arcarias! mais paredes aos milhares!
Subamos sempre! até que lá no azul dos ares
Deixemos o signal firme dos nossos passos...

Mas em vão nosso orgulho, armado de paciencia,
A torre de Babel em construir persiste,
Creando a Religião, a Arte, a Industria, a Sciencia...

Em vão! porque essa torre, instavel como a bruma,
Não passa de illusão que só na mente existe,
E o céu nos foge... o céu se afasta... o céu se esfuma...

A CAVEIRA DE YORICK

Eis o que a caveira de Yorick diz a Hamlet, depois que este, num gesto de desdem, a joga ao chão, e se occulta entre as arvores do cemiterio, ao passar o enterro de Ophelia...

— “Hamlet! Hamlet! como te illudes, si procuras
Nesta cidade morta os mortos illudir!
Não vês? Cada caveira, a rir, a rir, a rir,
Escarnece de ti, no chão das sepulturas!

Pranteando o passado e sonhando o porvir,
Sangra teu coração em pavidas agruras,
E, livido, beirando estas covas escuras,
Os mysterios do Além receias descobrir.

Tua dôr theatral nem mesmo a comprehendes,
Principe doudo! que vieste perturbar
Esta mansão de fogos fatuos e duendes...

Na tua mente, como um pendulo, a oscillar,
A duvida te absorve a alma... Que pretendes?....
Que pretendes, então, fazer neste lugar?”

LENDA DO JUDEU ERRANTE

I

Ia o meigo Rabbi para o Calvario,
Quando viu, á soleira de uma porta
Sentado, um homem pobre, um operario,
Um triste que a existencia mal supporta...

Jesus lhe disse: “A cruz, meus hombros corta;
Tres vezes já cahi neste fadario;
Deixa-me entrar e descansar...” — Qu’importa!
Caminha!” — respondeu o proletario.

Então, Jesus, o Bom, o Justiceiro,
Praguejou: — “Andarás por toda a vida,
Sem descansar jámais, no mundo inteiro...”

Com effeito, segundo reza a lenda,
O proletario, errante, sem guarida,
Soffre até agora a punição tremenda...

II

E caminha... e caminha, noite e dia,
A' luz do sol, ao pallido luar,
Correndo atrás da morte fugidia,
Porquanto a vida é o seu maior pesar...

Caminha sempre... Quanta vez revia,
Em vago sonho, o fumo do seu lar!
E elle, desamparado de alegria,
Na terra, a caminhar, a caminhar...

Valles, montes, desertos e cidades
Viu, através de todas as edades,
E ele nunca parou... Que maldição!

Viu todos os recantos deste mundo
E não achou um barathro bem fundo
Para enterrar seu morto coração...

III

Contam que, um dia, o coração lhe aperta,
Longa e funda, a saudade... Então procura
A terra em que nasceu, na róta incerta,
Para cavar a sua sepultura...

Entra em Jerusalem: era deserta.
O incendio lavra na cidade impura;
Por entre as chammass, a voar, liberta,
A aguia negra dos Cesares fulgura...

Tombam muralhas com fragor medonho...
E elle vê desabar o antigo tecto
Que o viu nascer, brincar, feliz, risonho...

“Dae-me, Senhor, a morte! — exora o triste;
Pois que perdi o derradeiro affecto:
O tecto de meus paes não mais existe...”

IV

Esperança tão vã! Como seus passos
Deter, si elle ouve a maldição fatal,
Alli mesmo partir, entre fracassos,
Das ruinas do tecto paternal?

Allucinado, erguendo então os braços,
Num instante de colera infernal,
Envolve-se das chammas nos baraços,
Como o genio terrifico do mal...

Em vão! Repelle o fogo o filho espurio
Da Vida, a dardejar, alto e purpureo,
Em tetanicos volvulos de horror...

Adeus, Salém! adeus, Salém divina!
Teu filho segue a irrevogavel sina
Que lhe impoz Jesus Christo — o Redemptor...

V

Eil-o que corre agora, desvairado,
Como a fugir da propria sombra, corre,
Certo de que, da morte mesma odiado,
Como um eterno reprobado, não morre...

Da frente em bagas o suor lhe escorre...
Embora! impelle-o para deante o Fado:
Corta cidades, solidões percorre,
Até que chega a Roma o desgraçado...

Mas Roma, entregue ao saque, nesse dia,
Com a invasão dos Barbaros do Norte,
Lavada em pranto e sangue, tripudia...

Então, sem negaceadas equivanças,
E' de ver, como ancioso, busca a morte
Num torvelim de espadas e de lanças...

VI

— “Emfim! — disse elle, vou morrer! Bem dita
A lança que varar meu coração!” —
Espera a morte e, com inveja, fita
Cada guerreiro a escabujar no chão...

Tudo baldado! Porém deixa a avita
Roma envolta de sangue num golphão...
Procura o mar, no mar se precipita,
Mas sobre a praia cospe-o um vagalhão...

Sóbe ao Vesuvio e engolpha-se no abysmo...
Como si houvesse um grande cataclysmo,
Vomita-o em chammas o vulcão tambem...

Interna-se na selva e no deserto,
E as féras fogem, evitando o incerto
Passo do Velho de Jerusalém...

VII

De um casebre lhe acena um criança,
Quando passava, um dia, numa aldeia:
Uma alma em flôr! um sonho! uma esperança,
A rir... O triste pára e titubeia...

E da infantil caricia á luz tão mansa
O caminheiro mais e mais se enleia...
Mas uma voz, travada de vingança,
Como um trovão, de subito, estrondeia...

“Caminha!” — a voz imperativa brada...
Ahi, tapa os ouvidos o mesquinho,
Medonho o olhar, a face demudada...

Mas, afinal, blasphema o Velho Errante,
Quando, na extrema curva do caminho,
Perde de vista o carinhoso infante:

VIII

— “Maldito sejas tu que o vil supplicio
Me déste de viver, cruel Jesus,
— Sacrificio maior que o sacrificio
Que supportaste ao peso de uma cruz...

Pois que, acima do humano precipicio,
Foste habitar numa região de luz,
Logo que conheceste o maleficio
Que a todas as miserias nos conduz...

Ouve, porém... Caminha sempre o Homem,
Emquanto os Deuses immortaes se somem
A' analyse glacial do sábio incréo...

E tu mesmo, ó divino missionario,
Quando subiste a serra do Calvario,
Nunca pensaste achar deserto o céu...” —

ILLUSÃO DA CARNE

A João Silveira Junior.

Como és bella, mulher! Bella, sómente?
Não... Que não basta a modelagem pura:
E's tambem a mulher de sangue ardente
Que ama — e no seu amor se transfigura...

Feliz de quem, como eu, sorve a doçura
Do beijo no teu labio que não mente,
E, a um tempo, nessa esthetica figura
Gosa o primor da carne florescente...

Mas, que tristeza a minha! quando penso
Que esse corpo de mármore palpitante,
Sob o acicate de um prazer intenso,

Não passa, flôr, de um esqueleto immundo,
Que aperto nos meus braços, delirante,
Como um thesouro sem igual no mundo...

VISÃO DE SANTA BRIGIDA

(Ao dr. Joaquim Leitão).

Une sainte, trois fois canonisée par l'Eglise, sainte Brigitte, a bien osé nous montrer Jésus-Christ, offrant à Satan une grace pleine et entière, sous la condition d'une parole de repentir.

(T. DULAMON).

No mystico fervor de uma oração, ungida
A alma de Amôr, de Paz, de Graça e de Piedade
Pelos que vão cahindo, em lucta, nesta Vida,
Pelos que vão tacteando, em pranto, a Escuridade,

Santa Brigida viu (chorando, enternecida)
Satan ante Jesus que, cheio de bondade,
Supplice a voz, lhe diz: — “O’ Alma decahida!
Roga a Deus o perdão da tua Iniquidade”. —

Satan, zombando, ri; porém tanta é a brandura
De Jesus Christo, e a uncção de sua voz tão pura,
Que aos pés lhe cae Satan, colhendo á bocca o riso...

— “Senhor! — implora então — eis-me aqui ajoelhado...
Lava-me pois, Senhor! a mancha do Peccado”. —
E a Santa viu Satan subir ao Paraiso...

SÃO MARTINHO

Ao conego *dr. Valois de Castro.*

Estava São Martinho, a orar, em sua cella,
— Cinza á cabeça, os rins sangrando no cilicio, —
Prostrado ante uma cruz que aos olhos lhe revela
A morte do Senhor no tragico Supplicio:

Quando, entre chammas, viu surdir, extranha e bella,
A figura do Diabo — o eterno Deus do vicio —
Que assim lhe disse, rindo: “—Oh! Santo! abre a janella:
Distante é o céu! Vê como é vão teu sacrificio!” —

Tinha Satan na fronte um rutilo diadema,
Dos hombros lhe cahia a purpura, de gemma
E de ouro ornada... Nisto, em meio da oração,

O Santo, olhos na cruz, com venerando aspeito,
Ao Diabo respondeu, cruzando as mãos no peito:
— “Mentira! o céu eu trago aqui no coração!” —

Ô NOME DE MARIA

(De LORENZO STECCHETTI — *Nova Polemica*).

Nem a distancia nem o tempo (embora
Corra este, e aquelle só de ti me aparte)
Jamais conseguirão que eu, como outr'ora,
Hoje possa do espirito apagar-te.

E quando mesmo se approxime a hora
Em que de dôr o coração se parte,
Direi o nome teu que sempre fôra
O lemma do meu rutilo estandarte.

E hão de fallar de mim: “Na hora do pranto
Converteu-se o rebelde; eil-o vencido,
Buscando amparo nesse nome santo”.

Mas não. Só do meu labio moribundo
Tal nome escapará como um gemido
Em memoria do bem que amei no mundo.

NO CONFESSIONARIO

Io non puedo absolver-te
De un pecado tan grande, Dios eterno!
(MORALES FERRER).

Joelho em terra, cabisbaixo e attento,
A absolvição elle esperava, quando
O padre — ancião de rosto macilento —
Disse: — “Meu filho, tu peccaste, amando...” —

Elle ergueu-se, de subito, corando,
Como ferido por um sentimento,
E deante do padre venerando
Proferiu o seguinte juramento:

— “Padre, si Deus, perdoando os meus peccados,
Me reserva um logar no paraiso,
Entre os eleitos bemaventurados,

Eu juro, ó padre, sobre a tua estola,
Que jamais trocarei um seu sorriso
Por essa misera e divina esmola”. —

O SENHOR MORTO

Entrei no templo quando entraste. Ao fundo
Da nave, sobre o altar illuminado,
Via-se o corpo livido, chagado,
De Jesus Christo — o Redemptor do mundo.

Depois que, a medo, com fervor profundo,
Beijaste o rosto do Crucificado,
Beije tambem... mas o lugar sagrado,
Em que pousou teu labio sitibundo...

Mas que Deus me perdoe a irreverencia:
Naquelle rosto inda senti o aroma
De teus labios repletos de innocencia...

E, ai de mim! como um louco, depois disto,
Surdo ciume o coração me toma
Desses teus labios e daquelle Christo...

A UM MORTO QUE PASSA

(Verifiquei depois, por acaso, que era o cadaver de um pobre operario que havia sido posto completamente nú dentro do esquife...)

Quem quer que fosses tu, morto que passas,
Eu te saúdo com o meu chapéo...
Foste feliz? ou foste das desgraças
Deste mundo corrido como um réo?

Morreste herege, ou recebeste as graças
De Deus? Foste christão, ou foste incréo?
Que luz te enleva essas pupillas baças?
Vaes para o Inferno ou sóbes para o Céu?

Nada sei eu de ti. Morreste: eis tudo.
Sómente numa cousa não me illudo:
Não houve alguém tão pobre como tu...

Mas ninguem, como tu, que foste pobre,
Foi mais honesto, consciencioso e nobre:
Pois saes do mundo como vieste: nú!

A MUMIA DE CHEÓPS

A R. Lagoa.

Cheóps, um poderoso e antigo rei do Egypto,
Mandou que se elevasse, um dia, uma segura
Pyramide eternal de rigido granito
Para nella fazer a sua sepultura.

Nesse alto mausoléu, longe da lama escura,
Onde esfervilha o verme em pavoroso attricto,
Julgou o rei que sua mumia, eterna e pura,
Descançaria em paz junto ao céo infinito...

Mas, no curso veloz dos seculos, um dia,
Achou-se o mausoléu do rei e, que ironia!
Só nelle se encontrou um punhado de poeira...

Assim, a Gloria van, em vão, persegues, Homem!
Porque tudo na Terra os seculos carcómem
E a Gloria Humana é a atroz mentira derradeira...

PLANTA MALDITA

E' da noite na escura estufa que, em resguardo,
Cinzela o extranho artista a orchidea do seu estro,
— Rubra e exquisita flor, mixto de euphorbia e cardo, —
Que a alma lhe prende e traz num infernal sequestro.

Dentro do coração do feiticeiro bardo,
Que da visão do mal jamais perdeu o sestro,
Ella finca a raiz como bigumeo dardo
Com que o transfixa a dor num golpe vivo e destro...

Dessa planta lethal não sorvam o perfume,
Que faz gosar, bem sei, mas um veneno instilla
E accende em cada veia inextinguivel lume...

A alma do poeta, assim, é o tormentoso mangue,
Onde essa flôr de maldição rutila,
Desabrochada em finas petalas de sangue...

A MAIOR DÔR

Que grande dôr é essa que te paralyza o espirito e o corpo, deixando este sem gesto e aquelle sem entendimento, reduzindo-te afinal a uma estatua de pedra?

(De um poema hindú).

No confuso tropel das idéas a esmo
Que me tomam de assalto o cerebro aturdido,
Donde parece ter minha razão fugido,
Procuro inutilmente encontrar-me a mim mesmo...

E nesse chaos mental de tamanho alarido
Em vão eu me concentro, em vão eu me emsimesmo:
Pobre espirito meu! o desespero fez-mo
Cahir na prostração como um heróe vencido...

Sou qual um desertor da Vida, inda vivendo,
No silencio estatual do meu tremendo espanto,
Na fakirização do meu pesar tremendo.

Ah! quem déra que dessa esphinge de granito,
Como um signal de dôr, espadanasse o pranto,
Como um libello contra o Céu, partisse um grito!...

A VOZ DO SILENCIO

A Manoel Viotti.

Nem todos ouvem essa voz que eu ouço
Atravez do silencio desconforme
Da noite, quando a Natureza dorme
Como no fundo de insondavel poço.

E' uma voz supplicante, de ancia enorme,
Como que estrangulada nalgum fosso,
Que sóbe ao céo da terra — ermo destroço!
Como a agonia de um titan disforme...

Si elevo ao céo, no emtanto, o olhar ardente,
Contemplo esse docel resplandesciente
Na festa das estrellas que elle encerra...

Mas quanta indifferença eu noto, afflicto,
Nesse azul constellado, ao grande grito
Deste hospital de pranto e sangue: — a Terra!

O VINHO

A Figueiredo Pimentel.

(Contaste-me tu, velho operario!
a historia do teu amôr e, commovido,
fizeste-me escrever estes versos inspi-
rados nas tuas lagrimas...)

— “Dá-me tu que beber, ó taverneiro oleoso,
Do vinho secular da tua garrafeira,
Desse raro licôr, extranho e capitoso,
Que me faz afogar no Sonho a vida inteira...

“Bofé! Enche-me a taça! A vida é uma canceira,
E dá-me só prazer teu vinho generoso,
Pois quando o bebo, ri, como histrião de feira,
A cantar, a folgar, meu coração choroso.

“Mas reparo: emborquei hoje mais de uma taça
Do teu vinho, e não posso esquecel-a, esquecel-a,
Por mais que eu, ebrio já, e tonto, esforços faça...

Outro vinho, por Baccho! outro vinho mais forte,
Que me faça com que jamais eu possa vel-a,
E descançar em paz na embriaguez da morte.” —

MEU ABSYNTHO

Tu que, no doudo egoismo de um momento,
Apunhalaste as minhas alegrias,
Dando-me em troca, blasphemo e violento,
O desespero de crueis harpias,

Para que, cheia de arrependimento,
Avincas, entre inuteis agonias,
Teu rosto, que consome, lento e lento,
O sal de tantas lagrimas tardias?

Esquece! Para mim já não existe
Esse passado — esse passado triste! —
Que hoje deploras sem nenhum remedio.

Faze como eu que me esqueci de tudo,
E vivo a sós, como um conviva mudo,
Tragando o absyntho amargo do meu tédio.

NOVA EUCHARISTIA

Feliz no mago exilio do teu sonho,
— Immaculada anemona, — ao flagicio
Foges do mundo barbaro, medonho,
Que te allicia como um precipicio...

Nada vês, nada escutas do enfadonho,
Humano abysmo onde estrondeia o vicio,
Que, sob um estendal flóreo e risonho,
Perfido, occulta os ferros do supplicio.

Mas tua carne virgem — branco hostiario
Que ainda incuba o goso voluptuario,
Sem que ninguem o commungasse, — um dia,

Ha de sentir a garra da luxuria,
E dará de beber, ó flôr purpurea,
O vinho de uma nova eucharistia...

HISTORIA VULGAR

Os homens mordiam de dôr a propria lingua. E por causa de suas dôres e de suas chagas, elles blasphemaram contra o Deus do céo.

(Apoç., XVI, 10, 11).

Quando, ás primeiras luzes da alvorada,
Parti, caminho em fóra da existencia,
Eu levava em minha alma enamorada,
Um thesouro de amôr e de innocencia.

Mas logo na primeira encruzilhada
Feriu-me a Dôr com barbara inclemencia,
Pois vi cahir num féretro, enrolada,
A bandeira de minha adolescencia.

Desceu depois a noite como um crépe
Sobre o meu coração — medonho estéppe! —
Amortalhado num pezar profundo...

Foi então que, perdendo o meu thesouro,
Clamei em vão, coberto de desdouro,
Contra Deus, contra os Homens, contra o Mundo.

VATICINIO

(Da CONTESSA LARA, poetisa italiana).

Foge — si podes! — ao mortal quebranto
Que nos encarcerou dentro de um sonho,
Durante o tempo em que gosamos tanto
Longe do humano vortilhão medonho.

Desse passado corta o liame santo
Num gesto alegre e futil; no enfadonho
Prazer da orgia busca novo encanto,
E segue outra mulher, meigo e risonho...

Mas, ai de ti! eu sei que dentro em pouco,
Depois de tu colheres, como um louco,
A flôr do Vicio que a paixão consome,

Proferirás um dia, — exangue o rosto,
A mão crispada, o gesto descomposto, —
Como um soluço tremulo, meu nome...

PRIMEIRA COMMUNHÃO

Foi na primeira communhão, quando ella
Tinha doze annos... quando apenas tinha
Na alma — o candor immaculo da estrella,
E no corpo — a leveza da andorinha...

Foi nessa idade rutilante e bella,
Quando da egreja mal sahindo vinha
Sob o véo branco e a virginal capélla,
— Que ella jurou... que ella jurou ser minha...

Nas minhas mãos as suas mãos tomando,
Beijei-a então, e ella, a tremer, corando,
Na sua bocca virgem de desejo

Deu-me, — como lhe deu o celebrante,
Junto do altar, a hostia alva e brilhante, —
A communhão do seu primeiro beijo...

VIRGEM SANTÍSSIMA

Quando ella á egreja vae, e na discreta
Prece deixa voar a alma piedosa,
No seu livro de missa uma violeta
E' que lhe marca as folhas côr de rosa.

Talvez se occulte nessa flôr mimosa,
— Prenda amada e gentil de algum poeta, —
O fio de uma historia dolorosa,
O doce fél de uma paixão secreta.

Contam que a viram, quando orava um dia,
Beijar essa reliquia sacrosanta,
Que no seu livro d'orações jazia;

E então, vencida de uma funda magua,
Tinha nas faces um pallor de santa,
E os negros olhos arrasados d'agua.

NA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Pulvis es...

Que tu és pó — disse-te o padre, Elvira,
Fazendo-te uma cruz de cinza escura
Na testa branca, virginal e pura...
“PULVIS ES!” — Que impostor e que mentira!

E mente! Juro pela minha lyra!
Elle não viu que luz do céo fulgura
No teu olhar! Nem viu quanta candura
Tua bocca de purpura transpira!

Como podes ser pó, tu, que na terra
Trazes no peito um coração que encerra
Amôr tão santo que me salvaguarda!

Não! esse padre nunca amou! Portanto
Não pode ver em ti sem grande espanto
As azas do meu bom anjo da guarda...

IMPOSSIVEL

Quem me diz que entre nós, como um coveiro,
O tédio sepultar não venha, um dia,
A paixão que nos traz o corpo inteiro
Num sonho de voluptia fugidia...

Pois que nos gele a bocca, traiçoeiro,
O beijo! Que da nossa phantasia
Parta a illusão num vôo derradeiro!
Que nos fuja dos olhos a alegria!

Venha o tédio! Num REQUIEM doloroso
Morra em mim, morra em ti, chorando, o goso!
Solte a carne sua ultima canção!

Que todo o mal nos faça o escuro verme!
Porém, fazer que deste amôr inerme
Nos esqueçamos para sempre... não!

TEDIUM VITÆ

(Sobre a morte de Julio Riedel).

Soavam inda as lucidas fanfarras
De teus sonhos, na pompa irial da aurora,
E ias da vida pelo mar em fóra,
Cheia de rosas e virentes parras,

Quando do teu batel, musa canóra,
Despedaçadas todas as amarras,
Ah! naufragaste, do suicidio ás garras,
Em plena vida, na manhã sonora...

Descança em paz... Da terra na retorta
Tornar-se-á em alcaloides logo
Teu arcabouço de materia morta,

Emquanto, como dromedario tardo,
Cada um de nós, neste areal de fogo,
Espera o dia de alijar seu fardo...

A MINHA SOMBRA

(Soneto posthumo de um clown
phantasista).

Quer a Dôr eu sentisse, quer o Goso,
Da minha vida na mundana farça,
Num discreto silencio mysterioso
Seguiu-me como um cão esta comparsa...

E eu via nella essa tristeza esparsa
De alguém que segue um féretro, choroso,
Mas que no rosto as lagrimas disfarça
Para conter o coração ancioso...

E ella só me deixou quando, na terra,
Se fez a cóva que meu corpo encerra
Sob a camada de uma verde alfombra...

Agora, livre de cruel fadiga,
Sei que não tive então melhor amiga
E amante mais leal que a minha sombra.

NÃO!

A filhinha morria-lhe nos braços
Dolentemente como um passarinho,
Que as azas cólhe de crueis canções
E expira, triste, á beira do seu ninho...

E ella disse: — “Deus meu! sustae os passos
Da morte que a arrebatá ao meu carinho...” —
Mas o alento final — os membros lassos
Sacudiu do seu misero corpinho...

Approximei-me. Ella embalava ainda
A filha morta — anémoma tão linda! —
Que lhe crescia sobre o coração...

Nisto eu lhe disse: — “Deus roubou-te a filha...
E nesse Deus que assim te prostra e humilha
Inda acreditas?” — Respondeu-me: — “Não!”

NO ENTERRO DE UMA CRIANÇA

Encarcerada nesse esquife leve,
Pallido anjinho, que ahi vaes tão triste,
Em demanda do céu, que nunca viste,
— Onde deixaste as azas côm de neve?

Pois tua pobre mãe, quando partiste,
Disse: “Foi para o céu! Que Deus o leve!”
— Credula mãe! Nesta existencia breve,
Que céu melhor que o céu, donde sahiste!

Si Deus, portanto, te não deu as azas,
Com que possas vôar, pallido anjinho,
Do vasto azul entre as nitentes gazas,

Espera! a Natureza, — mãe dilecta, —
Cêdo transformará o teu corpinho
Nas azas leves de uma borboleta...

POVERA MADRE!

I

Quando o Senhor lhe deu uma filhinha,
— Risonho premio do seu puro amôr, —
Ella disse: “Ah! que linda a filha minha!
Obrigada, Senhor!

Cabellos de oiro... olhos de azul celeste...
Corpinho de ave em calice de flôr...
Nos seus olhos azues dois céos me déste!
Obrigada, Senhor!

II

Expirou-lhe nos braços a filhinha,
— Ultimo sonho do seu puro amôr, —
E ella disse: “Ah! que linda a filha minha!
Triste de mim, Senhor!

Cabellos de oiro... olhos de azul celeste...
Tudo se abysma nesta minha dôr!
Restituo-te *os céos* que tu me déste...
Triste de mim, Senhor!

DEPOIS DE MORTO . . .

Depois de morto, depois de morto,
Quando sem pompas fôr enterrado,
Larvas da terra! dizei-me: — “Quem
Irá levar-me, como um conforto,
Ao duro leito, no chão cavado,
Uma só prece de amôr?” — “Ninguem!” —

Depois de morto, depois de morto,
Quando meu corpo tiver despido
A carne alegre, desfeita em pó,
Na minha cóva, como num Horto,
Sómente o cardo terá crescido
Sobre a carcassa tábida e só . . .

Depois de morto, depois de morto,
Uma cruz pobre dirá sómente
Onde repouso como um christão,
— Pharol de angustias, que indica o porto
Aos que, em procura do céu clemente,
Choram, perdidos, na escuridão . . .

Depois de morto, depois de morto,
Si a Dôr, no emtanto, se transformasse
Em marmore negro, meu mausoléu
Seria (E' grande meu desconforto!)
Tão elevado que, face a face,
Minhas tristezas diria ao céo...

Depois de morto, depois de morto,
Quando sem pompas fôr enterrado,
Larvas da terra! dizei-me: — “Quem
Irá levar-me, como um conforto,
Ao duro leito, no chão cavado,
Uma só prece de amôr?” — “Ninguem!” —

SOLILOQUIO DO TÉDIO

CUPIO DISSOLVI.
(S. Paulo).

Entre o Pavôr e o Tédio oscillas tristemente,
 Meu coração! meu coração doente!
Faz frio! Ouço uma longa e funebre canção
 De alguém talvez que préga o meu caixão...

Porque tiritto, a medo e a sós, como um demente,
 Da nortada a escutar a voz dolente?
E' que me apalpa alguém, no horror da escuridão,
 Com uma branca, uma gelada mão...

Homem! que és tú senão um verme que afurôas,
Famelico, tenaz, o cadaver da Terra,
 Germen do mal que te envenena o sêr?

Fazes rir, torvo anão! que, em busca de corôas
E de palmas, só tens, fazendo á Morte guerra,
 Esta ambição: Viver! Viver! Viver!

SUPREMO RESGATE

Receio a Morte, sim, si o Pensamento
Deve sobreviver á carne triste,
E si atraz desse Azul, no firmamento,
Alguma cousa... alguma cousa existe...

Maldição! Maldição! si no momento
Em que me fira a tua foice em riste,
O' Morte, não findar o meu Tormento,
E persistir a Dôr que em mim persiste!

Ah! mas si colhes minha vida inteira,
O meu ser: — alma e corpo, — de maneira
Que tudo acabe... tudo morra, então

Bemditas sejas, Morte cubiçada,
Porque sem odio, sem amôr, sem nada,
Nunca mais pulsará meu coração.

O ENTERRO

(PARAPHRASE)

A Luiz Carneiro.

L'homme n'est rien qu'un mort
qui traîne sa carcasse.

DU MAY.

Desfila o enterro. Para o cemiterio
Vae, entre pompas lugubres, o morto.
E' longo, é extenso o prestito funereo,
E ouvem-se nelle vozes sem conforto...

Mas quem é esse que o sinistro porto
Busca, deixando-nos pesar tão sério?
— Pois teve acaso, como Christo, um Horto?
— Pois lhe não foi a vida um sonho ethereo?

Ricos brocados entre sedas luzem...
A contemplar, porém, já não me atrevo
Pompas tão vans que a multidão seduzem.

Quanta dôr! Por um morto — quanto enlevo!
Vêde: um cadaver mais de mil conduzem:
Sózinho, emtanto, o meu cadaver lévo...

INDICE

| | |
|----------------|---|
| Prefacio | 5 |
|----------------|---|

MAGIAS NEGRAS

| | |
|---------------------------------|----|
| Arte maldita | 13 |
| Nostalgia do céu | 14 |
| Philosophia da blasphemia | 15 |
| Doutor Fausto | 17 |
| Herança do mal | 19 |
| Soneto posthumo | 20 |
| Sonetos de um mago | 21 |
| Esphyngue azul | 23 |
| Logica do Diabo | 24 |
| Jesus | 25 |
| A tentação de Christo | 26 |
| A velha serpente | 27 |
| Adão | 28 |
| A mulher de Job | 29 |
| O beijo de Satan | 30 |
| A urna cão | 31 |
| Redempção de Judas | 35 |
| Prophecia de Michéas | 39 |
| Visão de S. João | 42 |
| Templo de Satan | 46 |

| | |
|------------------------------------|----|
| Canção do louco | 47 |
| Escada de Jacob | 50 |
| O sonho de Paracelso | 51 |
| A cabeça de S. João Baptista | 52 |
| As mumias egypcias | 53 |
| A praga do mendigo | 54 |
| Visões do Propheta | 55 |
| A um estoico | 59 |
| Céres de Gnido | 60 |
| Missa nova | 61 |
| A resurreição de Lazaro | 62 |
| Torso de Belvedere | 63 |
| A uma noviça | 64 |
| Contricção de Verlaine | 65 |
| Diogenes | 66 |

MAGIAS DA CARNE

| | |
|---------------------------------|----|
| I — Irreparavel | 69 |
| II — De profundis clamavi | 70 |
| III — Beata Beatrix | 71 |
| IV — Missa de amor | 72 |
| V — Donna Francesca | 73 |
| VI — Vulnus amoris | 74 |
| VII — Credo | 75 |

PSALMOS E EXORCISMOS

| | |
|------------------------------|-----|
| A comedia do amor | 79 |
| Frei Satanaz | 80 |
| Perguntas ao sol | 84 |
| O espectáculo da vida | 85 |
| Nihil | 86 |
| A Deus | 87 |
| Acto de contricção | 88 |
| Dialogo | 89 |
| Gloria a ti, ó Satan! | 90 |
| Sinos do Natal | 91 |
| O demonio azul | 92 |
| Testemunho de Christo | 94 |
| A caveira humana | 95 |
| Autopsia | 96 |
| O céu | 100 |
| A Torre de Babel | 101 |
| A caveira de Yorick | 102 |
| Lenda do Judeu Errante | 103 |
| Illusão da carne | 111 |
| Visão de Santa Brigida | 112 |
| S. Martinho | 113 |
| O nome de Maria | 114 |
| No confessorio | 115 |

| | |
|---------------------------------|-----|
| O Senhor Morto | 116 |
| A um morto que passa | 117 |
| A mumia de Cheóps | 118 |
| Planta maldita | 119 |
| A maior dor | 120 |
| A voz do silencio | 121 |
| O vinho | 122 |
| Meu absyntho | 123 |
| Nova eucharistia | 124 |
| Historia vulgar | 125 |
| Vaticinio | 126 |
| Primeira communhão | 127 |
| Virgem Santissima | 128 |
| Na quarta-feira de Cinzas | 129 |
| Impossivel | 130 |
| Tedium vitae | 131 |
| A minha sombra | 132 |
| Não! | 133 |
| No enterro de uma creança | 134 |
| Povera madre! | 135 |
| Depois de morto | 136 |
| Óliloquio do tédio | 138 |
| Supremo resgate | 139 |
| O enterro | 140 |

★ Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empresa Graphica da «Revista dos Tribunaes», á rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, em Janeiro de 1939.





Impresso na

E. G. "Revista dos Tribunaes"

